

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA, 16 - 22 DE NOVEMBRO 1987



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Ficha técnica:

Coordenação - Luis Alves da Silva

Rui Mateus

Design gráfico - Rui Mateus

Secretaria/Processamento de texto: M^a da Graça Colaço

Composição - Gabinete de design / C.A.M.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

Edição - Campo Arqueológico de Mértola

Exemplares - 500

Depósito legal - 51346/91

Ilustração da capa:

Tijela do século XI, de provável origem tunisina (Museu de Mértola)



A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA
16 -22 novembro 1987

Edição:
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Apoio:
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO ALENTEJO
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1991

Tema 4

A cerâmica medieval em Portugal

Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja

Fernando Branco CORREIA

Em Junho de 1981, ao proceder-se a uma obra municipal na Rua de D. Dinis, em Beja, mais propriamente dentro da cerca do Hospital da Misericórdia, e ao aparecerem vestígios arqueológicos, foram avisados os técnicos que na altura procediam ao inventário do Museu Rainha Dona Leonor. A partir de então as obras foram sendo acompanhadas até Agosto desse mesmo ano; acompanhando esses trabalhos de uma forma continuada estiveram Maria Cristina Veiga e o autor deste artigo.

Os trabalhos efectuados puseram a descoberto um ossário, um conjunto de muros, alguns deles estreitamente relacionados com um pequeno tanque romano com revestimento em formigão e um pavimento que apresentava uma descontinuidade (ou rebentamento) de forma circular.

O material arqueológico que agora se apresenta apareceu todo ele num mesmo contexto sob o pavimento acima referido (fig.1) e corresponde ao segundo nível abaixo desse mesmo pavimento (fig.2). Esse contexto parece corresponder a uma lixeira, bolsa ou monte de desperdícios; por vezes, entre fragmentos de maiores dimensões, nem sequer existia terra. Após a fractura das peças, alguns dos seus fragmentos sofreram a acção do fogo.

Podemos dividir o espólio deste contexto nos seguintes grupos:

- A- Peças de grande dimensão com decoração modelada e estampilhada;
- B- Louça de cozinha (dividida em três sub-grupos);
- C- outra peças.

Grupo A

Mais de 50% das peças encontradas neste contexto arqueológico correspondem a fragmentos de talhas, fragmentos esses, normalmente, de grandes dimensões. Para além de talhas, este grupo inclui uma outra peça de grande dimensão: um bocal de poço.

Em geral, este grupo é constituído por um espólio rico em termos decorativos, com motivos arquitectónicos, caligráficos, florais, geométricos e zoomórficos.

Como características gerais para este grupo podemos apontar os seguintes: quanto ao tipo de pasta, esta apresenta um grão médio a grande (chega a cerca de 6 mm de diâmetro); a cor das paredes situa-se entre tons de vermelho

e de castanho, sendo a cor interna sempre acinzentada. No exterior as peças apresentam vestígios de aplicação de engobe de cor almagre.

Nº1- Talha (fig.s 3,4 e 5)

É a única talha que permite uma reconstituição completa do seu perfil. No entanto, o bordo que actualmente apresenta não é o original; a peça deve ter tido um colo alto que, por qualquer razão, se terá fracturado; após a fractura, a nova parte terminal superior da peça foi afeioada, criando-se, assim, um novo bordo. É possível que esta peça tenha sofrido deficiências durante a cozedura: um dos fragmentos atesta que a atmosfera oxidante atingiu todo o interior da pasta, o que parece significar que houve uma fractura ainda no forno.

A peça encontrava-se caída de alto a baixo no exterior, apresentando concreções de cal junto à base. No começo do bojo apresenta espessamento truncado, formando uma sucessão de formas de aparência piramidal. Logo abaixo encontram-se elementos incisos, feitos com um pequeno estilete; estas incisões encontram-se algo apagadas na sua parte inferior, embora seja por vezes aí visível uma linha de "ordinatio", sobre a qual se fez a incisão que tem carácter caligráfico- parece ser al-yumn (a felicidade). Por baixo tem uma faixa decorativa com três tipos de motivos alternados: um encadeado com incisões formando losangos; elementos florais estilizados em triangulação e um motivo ondulante. Logo abaixo apresenta uma zona caligrafada, de altura inconstante ao longo de todo o perímetro, com a inscrição al-yumn (1).

Esta última decoração caligráfica não é feita pela técnica da estampilhagem, mas sim aplicada sobre as paredes da peça, sendo as letras modeladas com um instrumento aguçado. A inscrição é num cúfico com remate floral estilizado.

Sob esta faixa encontra-se uma sucessão de arcos ultrapassados e apontados, resultante da aplicação e modelagem de argila formando sucessivos "capitéis". No centro de cada "capitel" foi estampilhada uma pequena roseta, enquadrada por incisões. Sob os "capitéis" foram aplicados e modelados os fustes que se unem na base com pequenas aplicações arqueadas.

Até à base a peça apresenta mais três faixas paralelas definidas pela aplicação de uma moldura de tipo "cordão", por vezes duplo, com incisões. A primeira, imediatamente abaixo dos arcos, é um motivo encadeado formando losangos; as duas faixas inferiores têm aplicações em forma de cordão ondulante, também com incisões.

O estado de fragmentação da peça permitiu encontrar, na face interna, zonas de maior espessura e de ligação de várias faixas de argila, o que permite concluir que, como é normal, a peça foi feita em várias fases, pela junção de pedaços previamente modelados.

Nº 2- Talha (figs. 6 e 6a)

Trata-se da parte superior de uma talha, com um colto alto, de bordo espesso e saliente para o exterior.

No começo do bojo e emoldurado por um cordão com incisões, há uma faixa em que foi estampilhada uma inscrição cúfica, *al-yumn*; sobre a letra *mim*, no centro da inscrição, desenvolve-se um elemento floral. Logo abaixo foi aplicado um cordão ondulante com incisões, seguido de uma nova faixa repetindo a inscrição estampilhada acima descrita.

As duas faixas epigrafadas são delimitadas, em baixo e em cima, por pequenos cordões com incisões.

Nº 3- Talha (fig. 7)

Desta talha só se conservam fragmentos do início do bojo. Apresenta três cordões concêntricos com incisões oblíquas, distanciados entre si à largura de um dedo, seguidos de uma faixa caligráfica em cúfico, estampilhada. Logo abaixo, entre nova série cordões com incisões, são visíveis linhas ondulantes. Imediatamente abaixo foi aplicada estampilhagem com motivo reticulado. Num dos fragmentos é ainda visível, sob o motivo reticulado, uma outra inscrição em cúfico, muito provavelmente *al-mulk* - o poder (de Deus).

Quanto à primeira faixa caligráfica em cúfico, ela coloca alguns problemas. A estampilhagem está feita de forma descuidada havendo, por vezes, sobreposição de duas estampilhagens. Esta inscrição é constituída por duas palavras, a primeira das quais *Allah*, com a letra *ha* rematada superiormente com um motivo estilizado, tendo uma das "folhas" acabamento serrilhado. Quanto à segunda palavra ela é de difícil leitura, sobretudo a primeira letra, já que as restantes devem ser um *'alif* e um *nun*.

Poder-se-ia pôr a hipótese de ser palavra da família do verbo *mana* (da raiz *MWN*) que significa "abastecer, prover de alimentos" (2); a forma pouco vulgar da primeira letra da palavra (*mim*) explicar-se-ia devido à necessidade de aproveitamento de espaço dentro da cartela da estampilha. Contudo, por haver uma inscrição de Toledo (3) em tudo semelhante a esta em que a primeira letra parece mais claramente um *fa* ou um *qaf*, a palavra aqui representada poderia ser *qan* (da raiz *QNW*) que significa "aquisidor, possuidor" (4); o segundo dos significados já faria sentido.

Nº4- Talha (fig.8)

Desta peça também só possuímos fragmentos do início do bojo. Todos os motivos aplicados por estampilha estão emoldurados por cordão quase sempre com incisões transversais (e não oblíquas) de escassa espessura.

De cima para baixo foram aplicados os seguintes motivos: estampilha rectangular com elementos encadeado formando losangos; inscrição em cúfico em que se lê *al-*

yumn (a felicidade), de simetria bem conseguida, com aplicação floral sobre o *mim*; inscrição cúfica com a expressão *Allah mana?/qan?* (Cf. Nº 3)- trata-se da mesma estampilhada aplicada na peça anterior; estampilha com elemento floral com bolbo, pétalas e pedúnculo; finalmente é repetida a estampilhagem com *al-yumn*. A estampilha que gravou *al-yumn* nesta peça, em duas faixas, foi, muito provavelmente, a mesma que foi utilizada na peça nº 2: em nada são diferentes.

Nº 5 - Talha (fig. 9)

São dois fragmentos de uma talha em que é unicamente possível apontar a existência de dois tipos de estampilha: uma rectangular com a representação de três arcos ultrapassados, em cujos interiores está inscrita uma trama quadriculada- na parte superior; logo abaixo foi aplicada uma estampilha com uma sucessão de elementos semelhantes a *SS*, parecendo formar uma espécie de cordão, tema muito comum na gramática decorativa islâmica. Esta segunda estampilha foi aplicada de duas maneiras: horizontalmente e em redor da peça; em sucessivas triangulações, sob a aplicação anterior.

Nº 6 - Talha pequena (fig. 10)

Pela curvatura e espessura das paredes, trata-se de uma talha de pequenas dimensões.

Entre dois cordões parcialmente incisos encontra-se aplicada uma estampilha sensivelmente rectangular representando dois animais afrontados (possivelmente leões), em perfeita simetria, com uma pata dianteira levantada, de cabeças viradas para trás; entre os dois animais a composição mostra um motivo vegetal estilizado a toda a altura da cartela e que deve corresponder a "Hom" - "a árvore da vida" (5).

A decoração tem nítida inspiração oriental.

Nº 7 - Talha pequena (fig. 11)

Desta pequena talha possuem-se dois fragmentos, não colando entre si, com uma inscrição cúfica emoldurada por "cordão" com incisões pouco profundas. A inscrição é *al-mulk*. Existe uma decoração vegetal estilizada, decoração essa composta por dois elementos vegetalistas diferentes: um sobre a letra *mim* com dois folículos salientes para cada lado; outro descaído, recurvado na extremidade final, a seguir ao *Kaf* (6).

Nº 8- Talha (fig. 12)

Fragmentos do bojo de uma talha com aplicações verticais paralelas, unidas na base com arcos de circunferência. Por baixo foi aplicado um "cordão" com incisões tanto verticais, como oblíquas.

A semelhança com a base da colunata de arcos ultrapassados da peça nº 1, leva a crer que a decoração desta peça esteja também relacionada com elementos arquitectónicos.

Nº 9 - Talha (fig. 24 A)

Trata-se de um fragmento de talha, com a parede exterior numa tonalidade castanha clara- alaranjada e com um mamilo.

Nº 10 - Bocal de Poço (fig. 14)

Trata-se de um grande pedaço de bordo e parte inicial da parede de um bocal de poço. São visíveis vestígios de

engobe tanto no exterior como no interior, embora de tonalidades diferentes: alaranjado no interior; castanho/avermelhado no exterior, sobretudo entre a decoração caligráfica.

Com um bordo de cerca de 4,8 cm de espessura, apresenta no seu interior sulcos produzidos pelo roçar frequente de cordas.

É profusamente decorado exteriormente: na zona de maior espessura do bordo foi aplicada verticalmente uma estampilha com elementos encadeados formando losangos (cf. peça nº 4); mais abaixo esta estampilha é aplicada em três registos horizontais sucessivos e paralelos (o último resulta de uma aplicação dupla) separados por molduras de "cordão" com incisões verticais; por baixo foi estampilhada a inscrição *al-mulk*, com duas estilizações vegetais - sobre o *mim* e sobre o *Kaf*; segue-se uma dupla moldura com incisões e, logo abaixo, a aplicação de uma estampilha com *al-yumn* (de matriz diferente da das talhas nºs 2 e 4); segue-se mais estampilha - gem com o motivo encadeado formando losangos, acima referido: primeiro horizontalmente e, seguidamente, até ao fim dos fragmentos disponíveis, de forma oblíqua, com intervalos sensivelmente iguais não estampilhados.

Não deixa de ser curioso e certamente não desprovido de significado simbólico o facto de, num bocal de poço, ligado à água portanto, estarem associadas as inscrições *al-mulk* - o poder (de Deus) e *al-yumn* - a felicidade.

Nº 11- Talha (fig. 15)

Fragmento de bojo de talha decorado com arcos ultrapassados obtidos pela adição de mais argila às paredes do recipiente, argila essa que foi modelada para se obter o elemento arquitectónico desejado. Sobre os arcos há uma moldura, obtida possivelmente pela pressão de um dedo, disfarçando a adição de argila para a composição dos arcos.

Toda a superfície da peça se encontra espatulada, ou brunida a largos espaços, de acabamento pouco perfeito.

Grupo B

Constam deste grupo uma série de peças que apareceram em perfeita interligação contextual com as peças do grupo anterior e cujas principais características são:

- todas as peças são formas abertas, semelhantes a um prato fundo ou "prato teigo" (7) e todas as peças de que temos o perfil completo terminam com base plana;

- como acabamento e, possivelmente, para impermeabilização, estas peças são brunidas interiormente na maioria dos casos, brunido esse que vai sobre um engobe almagre. Em alguns casos esse engobe escorre para as paredes exteriores. Há também peças brunidas interior e exteriormente; o brunido exterior é geralmente menos cuidado;

- possuem grão médio e foram feitas com uma cozedura redutora de fase final oxidante;

- todas as peças apresentam sinais de terem ido ao fogo. Trata-se, sem dúvida, de loiça de cozinha, com função semelhante à das caçoilas (8).

- algumas das peças possuem asas; pela sua quantidade e disposição deveriam servir para suspensão;

- só se encontraram motivos decorativos numa das peças.

Por uma questão de comodidade e seguindo critérios tipológicos, as peças do grupo B foram distribuídas por três sub-grupos.

Sub-grupo B1 - Peças sem asas e de bordo com lábio saliente externamente.

Nº 12- (fig. 16)

É o exemplar mais completo. Morfologicamente o lábio tem uma pequena moldura com saliência para o exterior; não chega a fazer carena e tem, como as outras peças que se seguem, base plana. É brunida sobre engobe no interior e no exterior. Deste grupo é a única peça que apresenta decoração, já em muito mau estado: no exterior, logo abaixo do bordo, pintado à branco (9), aparecem, alternadamente, motivo reticular e motivo pluricircular ou pluriovalado, sensivelmente concêntrico.

Nº 13- (fig. 17 e 13 A)

Morfologicamente é muito semelhante à peça anterior. Os fragmentos existentes não apresentam decoração, mas o brunido é feito também em ambas as faces. Esta peça deve ter sofrido a acção do fogo após a sua fractura, pois os dois fragmentos de que dispomos, apesar de colarem perfeitamente, apresentam coloração exterior diferente a partir da linha de fractura.

Nº 14- (fig. 18)

Esta peça só é engobada e brunida interiormente. Tem uma carena alta pronunciada. Tanto a base (plana) como o bordo são semelhantes às peças anteriores.

Nº 15- (fig. 19 e 13 B)

É morfologicamente muito semelhante à peça anterior mas tem uma carena mais alta. É também brunida interiormente sobre engobe almagre.

Sub-grupo B2- Peças com asas

Este contexto também forneceu formas abertas, para ir ao fogo, e com asas para suspensão.

Nº 16- (fig. 20)

Esta peça, fragmentada, conserva 4 das suas prováveis 8 asas. O bordo apresenta um ligeiro espessamento externo abaixo do lábio. As paredes começam sensivelmente rectas, com ligeira ondulação exterior, até formar uma carena, convergindo as paredes, em seguida, para a base, plana também. As asas implantam-se um pouco abaixo do lábio, terminando abaixo da carena. A peça é brunida interiormente sobre engobe.

Nº 17- (fig. 21)

Tal como na peça anterior, o bordo deste é também espessado ligeiramente abaixo do lábio, tem carena, base plana e as zonas de implantação das asas são também sob o lábio e abaixo da carena. Conserva uma asa completa e o arranque de outra, sensivelmente a 90°: completa, a peça deveria ter 4 asas.

É brunida internamente mas com acabamento imperfeito.

Nº 18- (fig. 22)

Desta peça conserva-se dois fragmentos com asas. Para além das características já apontadas para este sub-grupo, apresenta um mamilo aplicado no espessamento externo do bordo. Este último é reentrante e mais fino que todo o resto da parede, de forma a permitir encaixe para um teste.

Sub-grupo B3 - Alguidares e outras formas abertas sem asas.

Este contexto forneceu três variedades de alguidares, duas das quais brunidas.

Nº 19- (fig. 23)

Alguidar de lábio quase recto, com saliência para o exterior, seguida de pequeno estrangulamento; no início da parede exterior apresenta, em todo o perímetro, decoração ondulada "a pente". É brunido no interior e no lábio.

Nº 20- (fig.24 B)

Alguidar de lábio arredondado, com saliência para o exterior. É brunido no interior e no lábio. Não aparenta ter tido decoração.

Nº 21- (fig.24 C)

Alguidar de lábio grosso arredondado, muito saliente para o exterior. Apresenta vestígios de engobe almagre no interior. Não é brunido.

Para além dos alguidares incluímos neste sub-grupo outras formas abertas de menores dimensões mas que apresentam diferenças tipológicas em relação a B1 e B2.

Trata-se de três peças que, a avaliar pelos fragmentos, não possuíam asas.

Nº 22- (fig. 25)

" Prato teigo" de bordo boleado, parede recta com ligeiro espessamento a meio para o exterior, formando carena em seguida. Tem base plana e é brunida interior e exteriormente.

Nº 23- (fig. 26)

Morfologicamente é uma peça muito semelhante à anterior, embora de maior diâmetro. É também brunida interior e exteriormente.

Nº 24- (fig. 27)

Pequena taça de bordo arredondado e com ligeira espessura exterior; apresenta uma pequena moldura exterior logo abaixo do bordo. Não tem carena e é brunida no interior.

Grupo C

Constam deste grupo peças de outras tipologias mas que apareceram em quantidade reduzida. C2 e C1 definem-se apenas por conterem ou não cerâmica vidrada; não representam unidades tipológicas.

Sub-grupo C1 - cerâmica não vidrada

Nº 25- (fig. 28)

Panela de duas asas. Apresenta lábio boleado com ligeiro espessamento interno; tem uma carena baixa e base convexa. A pasta tem um grão de tamanho médio a grande. Apresenta vestígios de engobe almagre no exterior mas não é brunida.

Devido à sua função de ir ao fogo, a peça apresenta-se enegrecida no exterior, bem como na base e na parte inferior da parede interior.

Nº 26- (fig. 29)

Jarrinha. Tem pasta rosada, compacta, revestida exteriormente com engobe "beige" claro. Tem bordo em bisel, colo de forma troncocónica invertida e, no interior da junção do colo com o bojo está implantado um filtro. Tem duas asas, bojo hemiglobular terminando de forma troncocónica invertida e a base tem um pé anelar com o fundo externo ligeiramente convexo.

Sub-grupo C2- Cerâmica vidrada

As peças vidradas aparecidas neste contexto são em pequena quantidade, comparativamente com o resto do espólio.

Nº 27- (fig. 30)

Jarro ou jarra. A peça encontra-se bastante fragmentada, formando dois grandes pedaços que não colam entre si. O pedaço superior corresponde a um colo troncocónico, formando ressalto no início do bojo; o pedaço inferior corresponde ao fim do bojo globular, terminando numa base ligeiramente convexa. Tem pasta rosada acinzentada. Toda a peça se encontra revestida de um vidrado cor de mel e decorada no exterior com traços negros de óxido de manganês, desde o colo ao fundo.

Nº 28- (fig. 31 e 34 A)

Fragmento de taça, com bordo de forma triangular saliente para o exterior, com uma carena alta. Tem pasta semelhante à peça anterior e é revestida com vidrado cor de mel.

Nº 29- (fig. 32 e 34 B)

Fundo de jarrinha com vestígios de vidrado verde de óxido de cobre, tanto no interior como no exterior. Tem pasta rosada. No interior apresenta caneluras em espiral e termina com um pé anelar e fundo externo côncavo.

Nº 30- (fig. 33 e 34C)

Fragmento de taça com cobertura vidrada em tons de mel esverdeado, tanto no interior como no exterior. Tem pasta rosada-acinzentada. Tem bordo recto com ligeira saliência para o exterior e parede com perfil curvo.

Nº 31- (fig. 34D)

Fragmento de taça com decoração em " corda seca". É um fragmento de pequenas dimensões, em mau estado de conservação. Tem pasta "beige" porosa. A face interior tem coberturas víteas de óxido de ferro (cor de mel esverdeada), verde de óxido de cobre e branca de óxido de estanho, separadas por duas linhas de manganês. Está revestida exteriormente com cobertura vítrea esverdeada clara.

Questões cronológicas

Vale a pena levantar algumas questões de tipo cronológico, até porque há paralelos com peças de outras procedências.

Em relação às talhas, a decoração caligráfica estampilhada tem paralelos no século XII (10), embora no mesmo contexto haja também estampilhagem com motivos zoomórficos (ver nº 6) (11). A utilização decorativa de arcos ultrapassados apontados cabe dentro deste mesmo século. A

profusão decorativa e a insistência em inscrições de carácter religioso, no que diz respeito às talhas, talvez esteja relacionado com uma fase de proselitismo religioso (almorávida--almóada) e não tanto com o período dos reinos Taifas, como opinam alguns autores.

Quanto à jarrinha com filtro (nº 26), tem paralelos com outra de Los Caños de Meca (Cádiz) que os autores, por analogia, datam dos séculos XI/XII (12). Zozaya, na verdade, considera que este tipo de jarrinhas com filtro começa a aparecer no período das Taifas (13), continuando com o período Almorávida (14). De qualquer forma, o mesmo autor não exclui a possibilidade de esta forma se prolongar durante a fase almóada.

Para Rosselló Bordoy (15) e Cláudio Torres (16) as jarrinhas com filtro são do século XII e igual datação é dada à cerâmica valenciana deste tipo (17) associada com decoração em "corda seca". No entanto, há também paralelos com material deste tipo para o início do século XIII, mas com quatro asas (18).

O fragmento de taça carenada com vidrado cor de mel (nº 28) tem paralelos morfológicos com material de Mértola datado de entre finais do século XI e meados do século XII (19) e o fundo de jarrinha (nº 29) tem paralelos com espólio da segunda metade do século XII e inícios do XIII da mesma estação arqueológica.

A decoração pintada a branco do prato teigo nº 12 tem também alguns paralelos: a retícula, para além de aparecer em cerâmica atribuída aos séculos X/XI (20), está presente em cerâmicas esgrafitadas tanto de Valencia (datadas dos séculos XII/XIII) (21), como de Jijona (22); os motivos circulares/ovalóides têm também paralelo com as "espirales" esgrafitadas da cerâmica deste tipo de Valencia (23), datada também dos séculos XII/XIII, bem como com cerâmicas almóadas maiorquinas em que se utiliza também a técnica do esgrafitado (24).

É possível que estes motivos circulares e reticulares, associados no oriente da Península Ibérica e Maiorca à técnica do esgrafitado, fossem também adoptados no al-Garb al-Andalus mas neste caso através de uma técnica menos elaborada - a pintura. De qualquer forma, com um só exemplo, ainda é demasiado cedo para conclusões a este nível.

Quanto às peças brunidas, elas têm paralelo com espólio encontrado no ocidente peninsular. Aparecem no "Cerro da Vila" (Vilamoura), Mértola, Badajoz (25), "Cidade das Rosas" (Serpa) e Moura (26). O aparecimento destas peças em Beja acentua a opinião de autores (27) para quem a cerâmica brunida e espatulada parece ter um uso muito generalizado no SE da Península Ibérica (apesar de haver exemplares isolados em Madrid e na zona de Alicante). Embora o espólio da "Cidade das Rosas" seja datado do período califal, o próprio autor alerta para a sobrevivência desta técnica em períodos bastante posteriores (28). É, na verdade, um tipo de cerâmica a que se tem de dar mais atenção.

Em síntese, os elementos cronológicos disponíveis apontam, no caso das peças para as quais dispomos de referências mais seguras, para o século XII, provavelmente não muito longe de meados desse século.

Se considerarmos, como mera hipótese, que o estado de

destruição patente nas peças, bem como o facto de, em algumas delas, terem sofrido a acção do fogo depois de fragmentadas, foi devido a acção violenta, então não nos faltarão elementos para testemunhar da insegurança que atingiu Beja durante as primeiras décadas da segunda metade do século XII.

Em 1159 D. Afonso Henriques ter-se-ia apoderado de Beja, após o que a abandona (29). Dois anos depois, segundo a crónica árabe Rawd al-Qirtas, os almóadas ter-se-iam apoderado da cidade (30). Em 1162 Beja teria sido atacada por contingentes cristãos enviados pela cidade de Santarém (31). A este sucesso, referido pelo bejense Ibn Sahib al-Sala, bem como ao anterior referido pelo Rawd al-Qirtas de Ibn Abi Zar', Huici Miranda não dá crédito (32).

Beja teria sido de novo tomada pelas forças cristãs em 1171, para uns (33); para outros (34), essa tomada ter-se-ia dado por parte de Giraldo, em 1172, seguida de evacuação em 1173, e de repovoamento e reconstrução organizada pelos almóadas, em 1174 (35).

Concluindo, é bom frisar que a atribuição cronológica proposta não deixa de evidenciar lacunas e que poderá/deverá ser revista sempre que novos elementos mais seguros surjam. Por outro lado, este contexto cerâmico que, cremos, cronologicamente se deverá situar em redor de meados do século XII, não tem forçosamente que se relacionar, de uma forma directa, com os acontecimentos político-militares anteriormente referidos.

NOTAS

(1)- Existe um elemento aparentemente caligráfico antes do 'alif; no entanto, deve ter somente uma função decorativa, não devendo corresponder à conjunção árabe bi.

(2)- CORRIENTE, F. (1977)- Diccionario Arabe-Español, Inst. Hispano-Arabe de Cultura, Madrid, p. 736.

(3)- PAVON MALDONADO, B. (1984)- Guadalajara Medieval, C.S.I.C., Madrid, p. 111

(4)- CORRIENTE (1977), p. 645.

(5)- PAVON MALDONADO, B. (1981)- El arte hispanomusulmán en su decoración floral, Inst. Hispano-Arabe de Cultura, Madrid, pp. 147-166.

(6)- Esta peça tem grandes semelhanças, não só a nível da estampilha utilizada, como a nível da pasta e espessura de paredes, com uma peça de Mértola. (Queríamos agradecer a preciosa ajuda dispensada pelo Dr. Cláudio Torres que, para além do mais, pôs a nossa disposição o espólio do Campo Arqueológico de Mértola.)

(7)- A Tradição (1982), p. 165, Serpa (ED. fac-simile de Ano II, nº 11, 1900); PARVAUX, Solange (1968) - La céramique populaire du Haut-Alentejo, Fond. Calouste Gulbenkian- PUF, Paris, p. 136. Estas duas obras atestam a utilização da expressão "prato teigo" no Alentejo, embora na segunda delas a autora só a inclua dentro da louça vidrada

decorada. Por outro lado, "teigo" parece derivar do árabe ta'liqa (Cf. MACHADO, J. P. (1961)- Influência arábica no vocabulário português, II, p. 253).

(8)- É possível que estas peças tivessem uma função dupla: ir ao fogo e ir à mesa. Em síntese, são cerâmica doméstica de uso corrente (Cf. BAZZANA, A. (1979)- "Céramiques médiévales (...)" in *Mélanges de la Casa de Vélasquez*; Tomo XV, Paris, p. 150).

(9)- A coloração branca parece ser obtida a partir de cal ou gesso. (Cf. ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978)- *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca, Palma de Mallorca*, p. 93

(10)- BAZZANA, A. (1980)- "Céramiques médiévales (...)" in *Mélanges de la Casa de Vélasquez*, Tomo XVI, p. 75.

(11)- BAZZANA (1980), p. 87.

(12)- ABELLÁN, J., ESPINAR, M., CARRERAS, A.Mª, BLANCO, F.J. (1986) "Cerámica hispanomusulmana de la provincia de Cádiz. Primeras piezas halladas en el yacimiento de Los caños de Meca" in *Segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, pp. 143/4 e 146.

(13)- ZOZAYA, J. (1980) "Aperçu général sur la céramique espagnole" in *La céramique médiévale en Méditerranée Occidentale X-XV siècles (Valbonne)*, Paris, p. 281.

(14)- Ibidem, p. 283.

(15)- ROSSELLO BORDOY (1978), pp. 144-145.

(16)- TORRES, Cláudio (1987), *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, Lisboa nº 48.

(17)- BAZZANA, A. (1983)- *La cerámica islámica en la ciudad de Valencia- I*, Valencia, p. 133.

(18)- ROSSELLÓ PONS, M. (1983)- *Les ceràmiques almohades del Carrer de Zavellá, Ciutat de Mallorca, Palma de Mallorca*, pp. 77-79.

(19)- TORRES, Cláudio (1986)- "Um lote cerâmico da Mértola islâmica" in *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Tomo IV, Huesca, fig.s 3 (0002 e 0010), 18 e 23.

(20)- Entre outros, jarrinha da Alcáçova de Mértola in TORRES (1987), nº 16.

(21)- BAZZANA (1983), p. 141 (1093) e p. 145 (1501).

(22)- BAZZANA (1980), p. 61, fig. 2

(23)- BAZZANA (1983), pp. 137, 141, 145 e 147.

(24)- ROSSELLÓ PONS (1983), pp. 29 a 33.

(25)- VALDÉS, Fernando (1985)- *La Alcazaba de*

Badajoz-I, *Excavaciones Arq. de España*, nº 144, Madrid, pp. 155 a 163.

(26)- RETUERCE, Manuel (1986)- "Cerámica Islámica de la << Cidade das Rosas >> Serpa (Portugal)" in *Segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Medit. Occid.*, p. 91.

(27)- RETUERCE; M.; ZOZAYA, J. (1986a)- "Variantes geográficas de la cerámica omeya andalusí: los temas decorativos" in *La ceramica medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Firenze pp. 74-76.

(28)- RETUERCE (1986), p. 91.

(29)- SERRÃO, Joel (1973)- *Cronologia geral da História de Portugal*, 2ª ed., Lisboa- p. 36; SERRÃO, Joaõ Veríssimo (1977)- *História de Portugal*, Lisboa, I. p. 101.

(30)- Cf. SERRÃO, Joel (1973), p. 37.

(31)- MARQUES, A.H. de Oliveira (1974)- *História de Portugal*, 4ª ed., Lisboa, I, p. 91; SERRÃO, J.V. (1977), P. 101.

(32)- HUICI MIRANDA, A. (1954)- *Anais-Acad. Port. de História*, vol. V, pp. 71-72.

(33)- SERRÃO, J.V. (1977), P. 103.

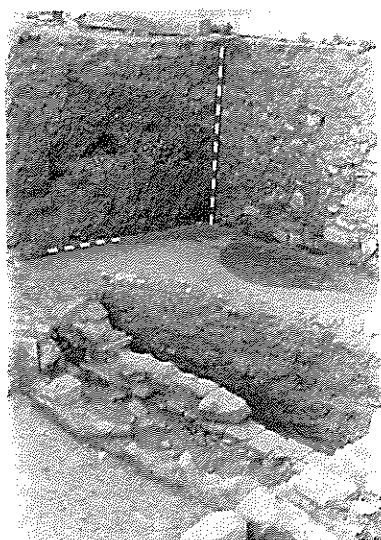
(34)- HUICI MIRANDA (1954), p. 72 e DOMINGUES, J.D. Garcia (1971)- "Aspectos da cultura Luso-árabe" in *Actas-IV Congresso de Estudos Arabes e Islâmicos (Lisboa-Coimbra, 1968)*, Leiden, p. 247. Estes autores seguem totalmente as informações prestadas por Ibn 'Idari na sua obra *al-Bayan al-Mugrib*.

(35)- Ainda segundo o Bayan, Beja teria sido evacuada pelos almóadas em Junho/Julho de 1178, após a tomada de Alcácer do Sal por parte dos portugueses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço todo o apoio prestado pelo Director do Museu Regional de Beja, Dr. José Carlos Oliveira, bem como a colaboração empenhada de Leonel Borrela, autor de uma grande parte dos desenhos (figuras 3, 5, 6, 6a, 7, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 20, 23 e 30).

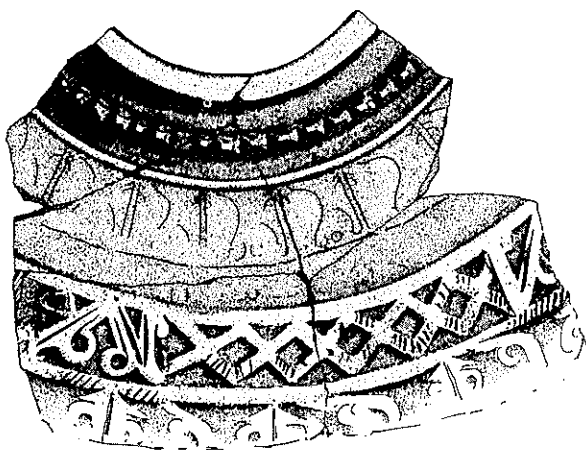
1



2



3



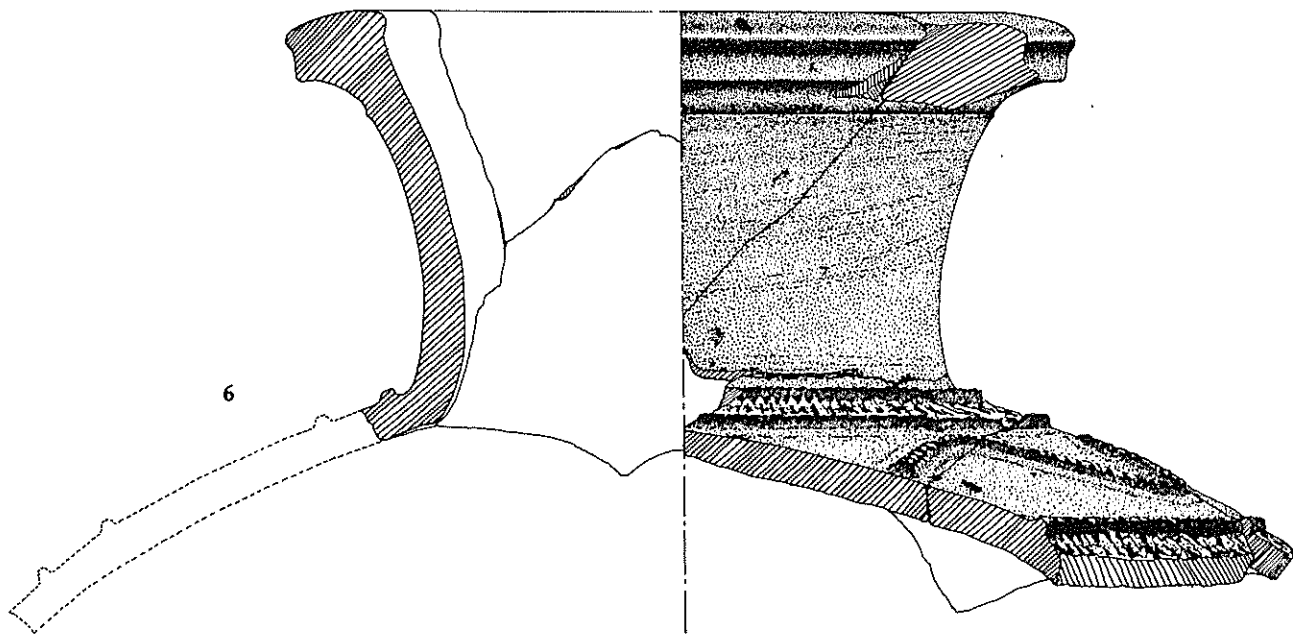
0 2 4 6 8 10cm

4

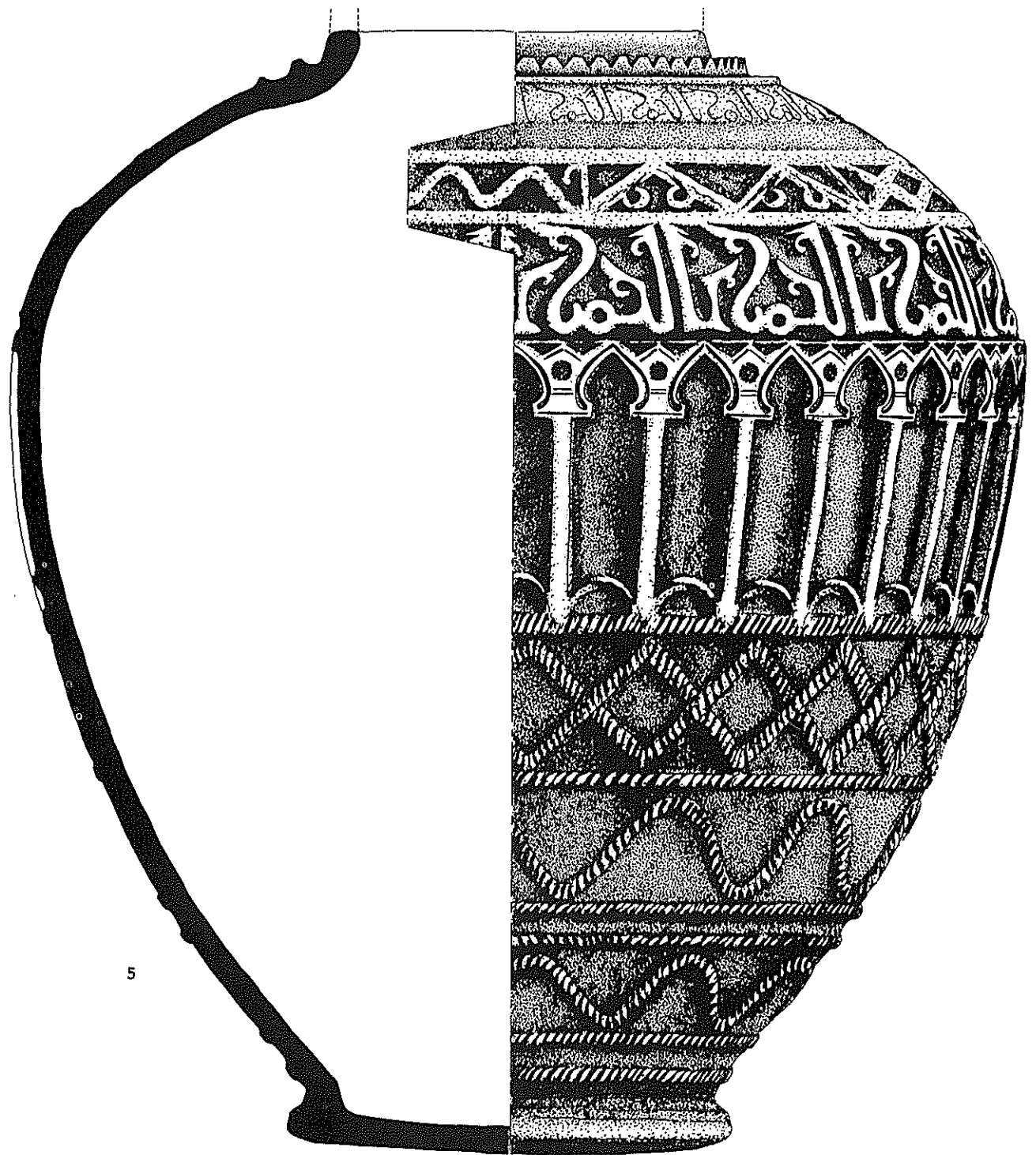


0 3 6 9 12 15cm

6



0 2 4 6 8 10 12 14 16cm



5

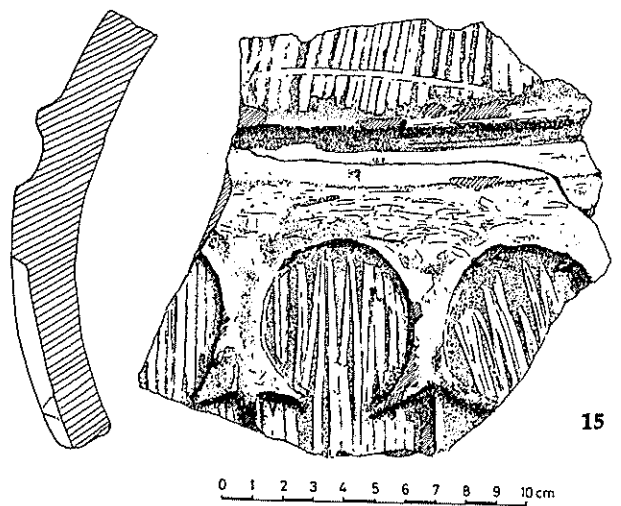
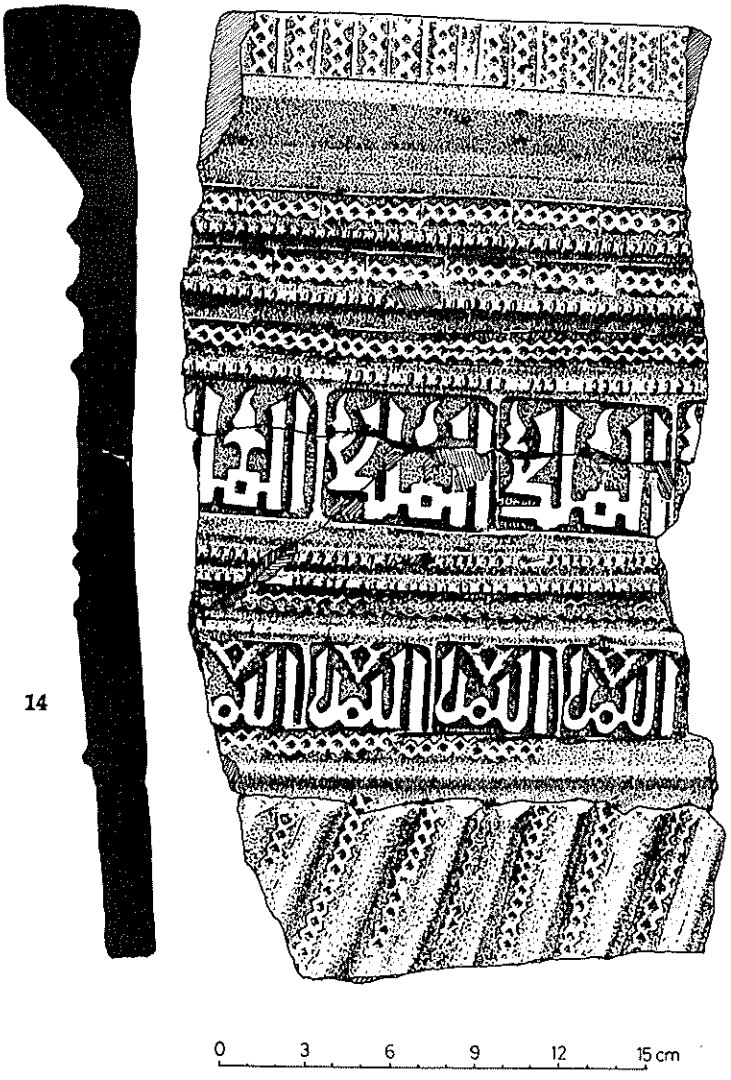
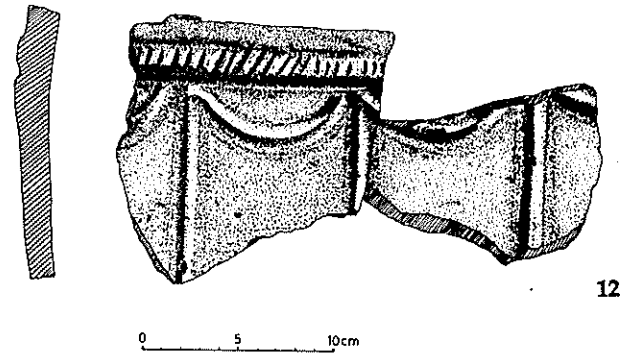
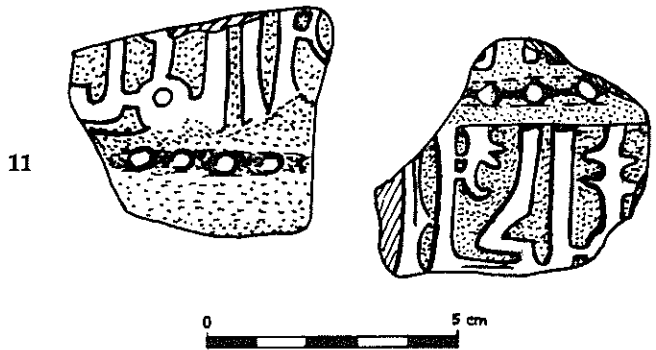
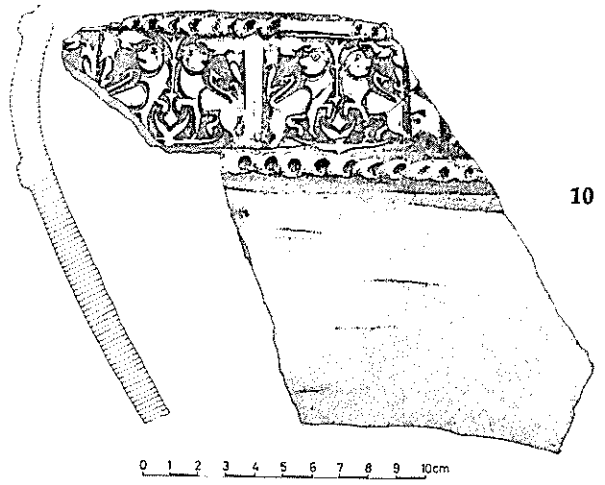
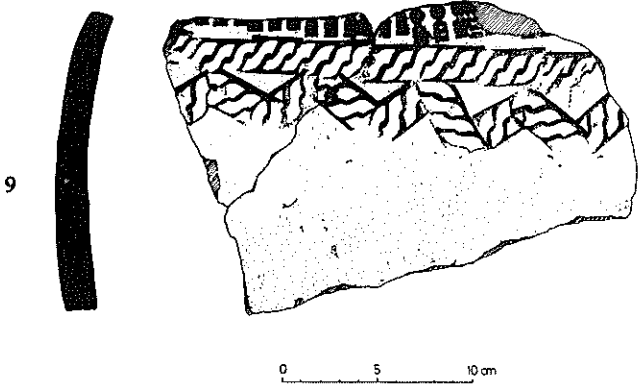
0 10 20 30 cm

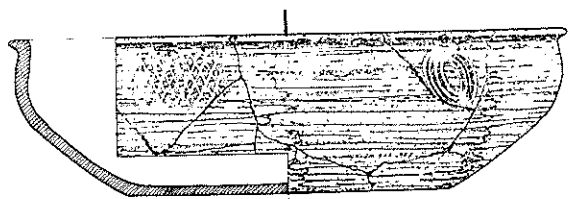


0 2 4 6 8 10 12 14 16 cm

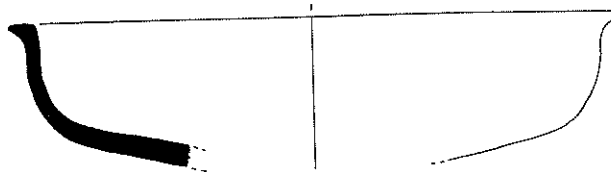
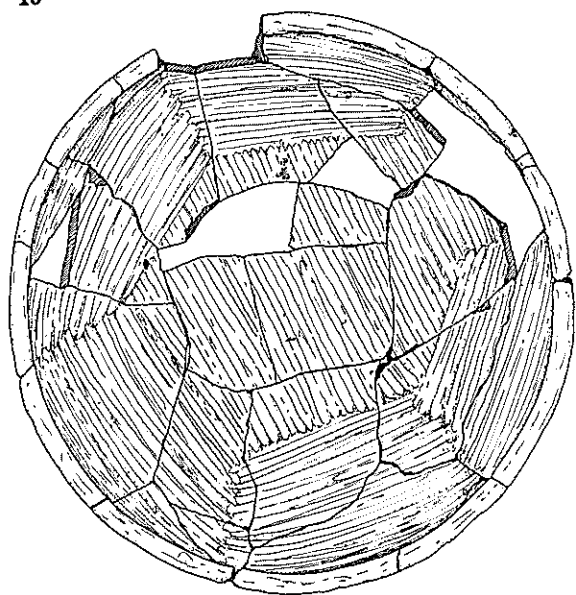


0 5 10 cm

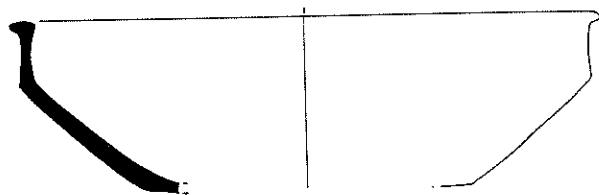




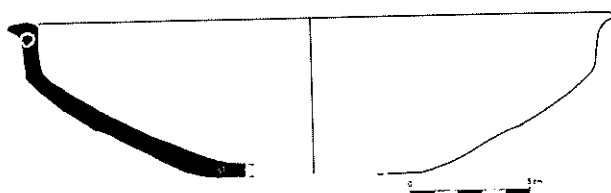
16



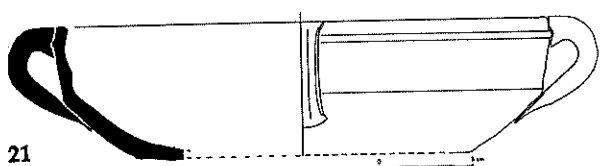
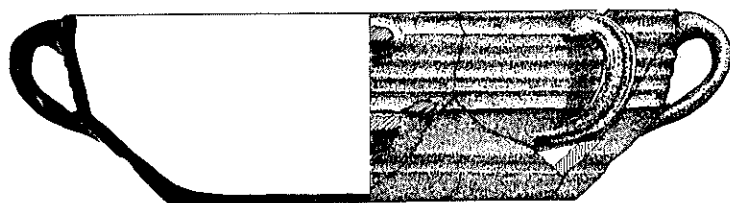
17



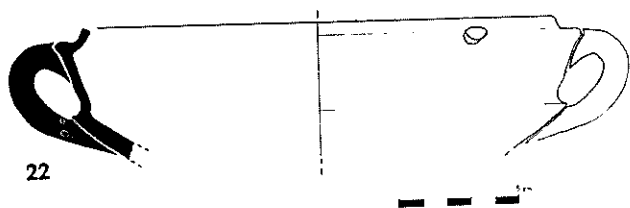
18



19



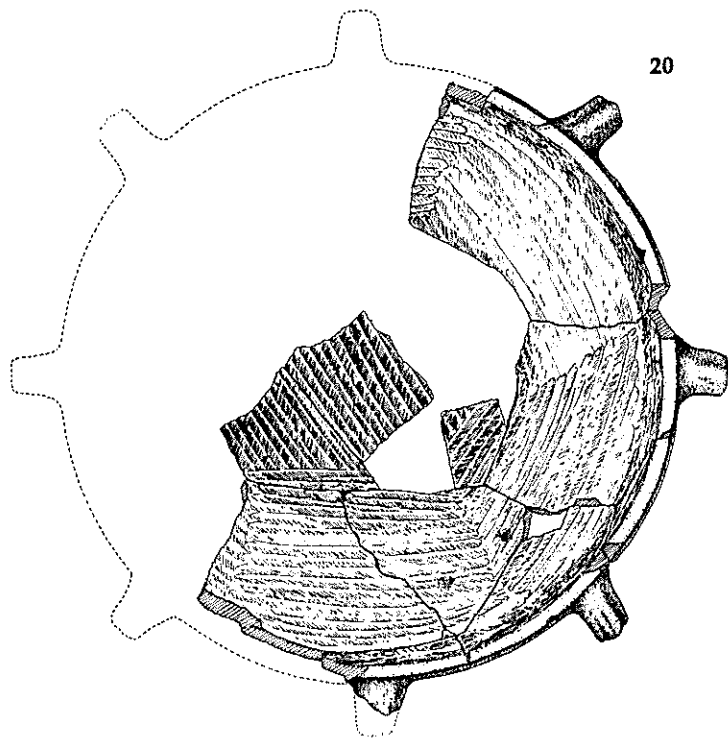
21



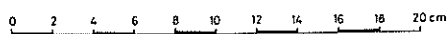
22



23



20



384

